

Indústria de boatos é a única que cresce com a crise

Eli Teixeira



Françoise Imbroisi — 28/9/91

BRASÍLIA — Boatos de pacote econômico ou de queda de ministros incomodam o governo desde que a inflação saiu do controle, na década passada. Para combatê-los, poucos usaram a tática do silêncio do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Cada governo ou ministro usou uma arma, inclusive chamar a Polícia Federal, como fez Mailson da Nóbrega no final do governo Sarney quando se sentiu incomodado com os rumores de que estava prestes a cair. Informado pelo Serviço Nacional de Informações de que os boatos eram espalhados por pessoas que operavam com dólares no câmbio negro, Sarney determinou que a Polícia Federal caçasse os doleiros. Mailson foi até o final do governo.

A história se repetiu quase três anos depois. Na quinta-feira passada, o presidente Fernando Collor chamou ao Palácio do Planalto o mesmo diretor da Polícia Federal, Romeu Tuma, e pediu que atuasse para identificar a origem dos boatos de que haveria um feriado bancário para a adoção de um novo choque econômico. Na sexta-feira, o chefe de Romeu Tuma, o ministro da Justiça, Jardas Passarinho, admitiu que não tinha como combater os boateiros.

“O boato é proporcional à importância do assunto e à situação da economia”, filosofa o ex-ministro da Fazenda, Delfim Netto. Quanto mais instabilidade econômica, mais o boato pega. Delfim, que comandou a economia nacional por quase uma década, diz que aprendeu muito sobre o assunto e alerta: um dia é da caça e o outro, do caçador. “Um dia o boateiro se transforma em vítima, por acreditar num boato que ele mesmo espalhou e acabou voltando, modificado”, ensina.

Socos — O ex-presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, homem de mercado, adotava uma tática quase infalível para derrubar boatos. Todo rumor que chegava à mesa de open do Banco Central era levado logo de manhã a Eris e aí começava a contra-informação. Várias vezes ele mandou chamar repórteres de rádio para entrevistas e, no meio, tratava de derrubar o boato. Nesse caso, Eris tinha predileção por entrevistas ao vivo e acabava conduzindo a conversa para o ponto que lhe interessava.

Mesmo ainda assim, Eris não conseguia atingir todos os ouvintes. Antes do lançamento do Plano Collor II, ele recebeu a ligação de um diretor da Caixa Econômica Federal apavorado, garantindo que um auxiliar tinha ouvido Eris dizer pelo rádio que haveria feriado bancário. O assessor entendera mal o turco-português do presidente do BC.

Experiência não lhe faltava. No final do ano passado, Eris foi perseguido por um boato cheio de detalhes. Correu por toda Brasília a história de uma troca de socos entre ele e o deputado Paulo Octávio à saída do restaurante Florentino. O deputado é ex-marido da namorada de Ibrahim Eris, Márcia Palmer da Fonseca. O ex-presidente do

Tuma: caçador de boateiros

Banco Central chegou a ouvir de amigos relatos de terceiros que falavam até do número de socos que os dois teriam trocado.

Confirmar ou desmentir um boato tem caminhos tortuosos. No fim de agosto passado, quando pipocavam boatos sobre o ministro Marcílio Marques Moreira, um diretor do Banco Central procurou confirmar se era verdade que o deputado José Serra fora convidado para substituí-lo. O diretor não ligou para seu chefe imediato e braço direito do próprio ministro, o presidente do Banco Central, Francisco Gros. Pediu a um assessor que telefonasse para o gabinete de Serra.

Origens — “Boatos sobre assuntos econômicos nascem no mercado financeiro e os boatos políticos vêm do Congresso”, diz o ex- porta voz do governo Sarney, Fernando César Mesquita. Para ele, quando o dólar no paralelo fica estável por muito tempo, os doleiros se incomodam e iniciam movimentos para mudanças bruscas nas cotações. Quando um ministro trata mal os políticos, é inevitável que logo se fale no Congresso sobre sua queda. Até a posse de Collor, o SNI agia com rapidez e checava logo pela manhã os boatos do dia. Em seus despachos com Sarney, o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, tratava de informar o presidente.

Neste fim de semana, o boato preferido envolveu o Secretário nacional da Fazenda, Luís Fernando Wellisch, e o diretor da Receita Federal, Carlos Marcial. Eles foram apontados como responsáveis por levar o presidente a acreditar que só os salários acima de Cr\$ 2,5 milhões seriam onerados com a reforma fiscal de emergência. Collor ficou irritado, mandou reestudar a tabela do IR e Wellisch e Marcial entraram na lista de demissíveis, conforme os boatos.

Não é a primeira vez que Wellisch entra em tal lista. Em setembro, quando da apresentação do Emendão aos secretários estaduais de Fazenda, ele se tornou a principal vítima dos boateiros. O boato tomou vigor depois que o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, disse que os governadores estavam sendo colocados contra a parede pelo secretário.